

O
JARDIM
DO
ÉDEN

DA

BÍBLIA

FINALIDADE DESTA OBRA

Este livro como os demais por mim publicados tem o intuito de levar os homens a se tornarem melhores, a amar a Deus acima de tudo e ao próximo com a si mesmo. Minhas obras não têm a finalidade de entretenimento, mas de provocar a reflexão sobre a nossa existência. Em Deus há resposta para tudo, mas a caminhada para o conhecimento é gradual e não alcançaremos respostas para tudo, porque nossa mente não tem espaço livre suficiente para suportar. Mas neste livro você encontrará algumas respostas para alguns dos dilemas de nossa existência.

AUTOR: Escriba de Cristo é licenciado em Ciências Biológicas e História pela Universidade Metropolitana de Santos; possui curso superior em Gestão de Empresas pela UNIMONTE de Santos; é Bacharel em Teologia pela Faculdade das Assembléias de Deus de Santos; tem formação Técnica em Polícia Judiciária pela USP e dois diplomas de Harvard University dos EUA sobre Epístolas Paulinas e Manuscritos da Idade Média. Radialista profissional pelo SENAC de Santos,

reconhecido pelo Ministério do Trabalho. Nasceu em Itabaiana/SE, em 1969. Em 1990 fundou o Centro de Evangelismo Universal; hoje se dedica a escrever livros e ao ministério de intercessão. Não tendo interesse em dar palestras ou participar de eventos, evitando convívio social.

CONTATO:

<https://www.facebook.com/centrodeevangelismouniversal/>

<https://www.facebook.com/escribade.cristo>

E-MAIL: teologovaldemir@hotmail.com

Whatsapp: 13 996220766

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

*M543 Escriba de Cristo, 1969 –
O Jardim do éden da Bíblia
Santos , Amazon.com
Clubedesautores.com.br, 2020, 121 p. ; 21 cm*

ISBN: 9798691956140 Edição 1º

1. Mitologia 2. Teologia

3. Paraíso 4. Jardim do Éden 5. História

CDD 210 / 930

CDU 001 / 93

CENTRO DE EVANGELISMO UNIVERSAL

-CNPJ 66.504.093/0001-08

INTRODUÇÃO

Esta obra é uma espécie de interlocução entre o Escriba de Cristo e Adelmo Medeiros que em 2016 publicou um tratado sobre o Jardim do Éden. O Escriba faz observações e comentários ao texto de Adelmo e a discussão gira basicamente em torno do dilema na qual Adelmo acredita que o Jardim do Éden era um local à parte do planeta Terra, que era espiritual e não físico. Já o Escriba de Cristo defende que o Jardim do Éden era um local real, físico e com um posicionamento geográfico definido. Pontualmente o Escriba entende que o Jardim do Éden se localizou entre o Mar Negro e o Golfo Pérsico, não havendo outra possibilidade. Adelmo ainda levanta hipóteses estranhas sobre a ordem da criação, como se o homem não foi criado no sexto dias, mas alguns dias antes. Com a queda de Adão, o Jardim do Éden se tornou invisível e inacessível, havendo clara indicação na Bíblia que o Jardim do Éden foi teleportado, soterrado e bem provável que também submerso pelas águas do estreito de Bosforo que invadiram a planície do Éden e alagou a região, dando origem ao que hoje chamamos de MAR NEGRO. O debate também se estende sobre a possibilidade de Lúcifer ter sido criado e vivido no Éden na qual Adão também teria sido criado conforme defende Adelmo, mas o Escriba de Cristo, argumenta em favor da hipótese de que teria havido dois edens, um mineral e outra vegetal. A verdade é que o debate é enriquecedor e de ambos os lados o leitor terá informações que o ajudará a fazer sua própria conclusão.

Autor: Adelmo Medeiros, Fortaleza, 15 de agosto de 2016

A menos que haja outra indicação, a tradução da Bíblia utilizada é a Tradução do Novo Mundo, de 1986. Salvo os casos indicados, os grifos, negritos e colchetes nas citações são meus e não das obras citadas.

1. O senso comum sobre a localização do paraíso edênico.

O relato bíblico sobre a criação do homem e a posterior expulsão do paraíso edênico é bastante conhecido. Alguns encaram a história como verdadeira e outros acham que é apenas um mito, dentre vários outros que existiam na Antiguidade. Mas, independente da opinião que se tenha sobre a veracidade da narrativa, em que lugar ficava o Jardim do Éden de acordo com Moisés, o escritor de Gênesis?

O conceito popular é que ficava em algum lugar da Terra, pois o texto menciona claramente informações geográficas do Oriente Próximo, além de descrever alguns elementos que certamente tem a ver com aspectos físicos do nosso planeta. No entanto, existem lacunas que não podem ser explicadas. Por exemplo, a Bíblia informa que da região do Éden saía um rio que se dividia em quatro, sendo eles o Píson, o Giom, o Tigre e o Eufrates. Ao passo que esses dois últimos são rios bastante conhecidos, os dois primeiros nunca foram localizados e são um mistério até hoje, bem como o rio originador deles. A explicação mais comum para esse problema é que o Dilúvio da época de Noé teria alterado o relevo de toda área em apreço. Mas isso nem de longe

resolve as dificuldades de conciliar sua geografia com o que é mencionado em Gênesis.

(De fato grandes mudanças geológicas alteraram a configuração geográfica.)

Não são poucos os trabalhos que já discorreram sobre esse assunto, tanto os de envergadura acadêmica quanto os escritos por leigos. Não é objetivo deste livro entrar nessa discussão de caráter meramente topográfico. Para quem quiser se inteirar melhor sobre ela, sugiro os dois textos a seguir:

Os Rios Perdidos do Jardim do Éden (em inglês)
A Civilização Mais Antiga e a Bíblia.

A intenção aqui é demonstrar que existe uma explicação melhor que soluciona a questão, sendo a Bíblia suficiente para encontrá-la. E, para reforçar o ponto de vista, é apresentado um exame adicional com base em obras antigas que esclarecem direta ou indiretamente os três primeiros capítulos de Gênesis.

2. Evidências internas que apontam para outro entendimento.

Referindo-se ao livro de Gênesis, o historiador judeu Flávio Josefo, do século 1 d.C., fez a seguinte afirmação:

“Porque todas as coisas têm aqui uma referência à natureza do universo, à medida que nosso legislador [Moisés] diz sabiamente algumas coisas [em Gênesis], porém de maneira enigmática, e outras sob uma apropriada alegoria, mas mesmo assim explica tais coisas conforme é necessário numa explanação direta, clara e

expressiva”. – *The Works of Josephus* (1987), antiprefácio, traduzido para o inglês por William Whiston, Hendrickson Publishers, p. 28.

Sobre tal opinião de Josefo, o tradutor William Whiston disse em uma nota de rodapé:

“Mas quando ele [Josefo] chega aqui no ver. 4, etc. [de Gênesis cap. 2] ele diz que Moisés, depois que o sétimo dia terminou, começa a falar filosoficamente; não é muito improvável que ele entendeu o resto do segundo e terceiro capítulo [de Gênesis] de acordo com algum sentido filosófico, alegórico ou enigmático”. – *Idem*, p. 29.

Se Josefo tinha algo tão amplo em mente ele não explicou, embora tenha dito que se houvesse condição falaria mais depois. No entanto, ao explicar os rios do Éden, ele apresentou claramente conceitos alegóricos:

“O jardim era regado por um [rio] e [ele] se dividia em quatro partes. E o Píson, que denota uma multidão, correndo para a Índia, faz sua saída para o mar, e é pelos gregos chamado Ganges. O Eufrates também, assim como Tigre, desce para o Mar Vermelho. Já o nome Eufrates, ou Phrath, denota uma dispersão ou então uma flor. O Tigre, ou Diglath, significa o que é veloz e bem estreito; e o Giom atravessa o Egito, e significa o que surge a partir do leste, que os gregos chamam Nilo”. – *Idem*, pp. 29, 30.

Como se nota é atribuído um significado para cada rio. Embora a explicação pareça ser geográfica, ao que parece a intenção era outra. É tanto que nenhum especialista no assunto haverá de concordar com essa possibilidade dos rios “desaparecidos” serem o Ganges e o Nilo. Além do mais, conforme observado por Whiston,

Josefo sabia muito bem que o Nilo nasce no sul e não no leste.

Dentre essas prováveis alegorias filosóficas de Moisés, Josefo talvez também tivesse em mente o episódio da Queda, onde se mencionam a nudez do homem e da mulher, a serpente falante e o pecado de comer o fruto proibido. Sobre isso, um antigo cristão nascido no século 2 d.C. disse enfaticamente:

“E quem é tolo a ponto de supor que Deus, à maneira de um lavrador, plantou um paraíso no Éden, para o oriente, e colocou nele uma árvore da vida, visível e palpável, para que quem degustasse do seu fruto com dentes corporais obtivesse a vida? E, novamente, que alguém era participante do bem e do mal por ter mastigado o que foi retirado da árvore? E se é dito que Deus andava pelo paraíso à tardinha e Adão se escondeu debaixo de uma árvore, eu não acho que alguém duvide que estas coisas indicam figurativamente certos mistérios, a história tendo ocorrido na aparência e não literalmente”.
– Sobre os Princípios, Livro IV, Orígenes.

Se analisarmos bem os capítulos iniciais de Gênesis, é possível perceber que realmente existem informações escondidas abaixo da superfície desse texto atribuído a Moisés. Para começar, note o que Gênesis disse no segundo e terceiro capítulos sobre a criação do homem e sua habitação inicial:

“Quando JAVÉ Deus fez a terra e os céus, ainda não tinha brotado nenhum arbusto no campo, e nenhuma planta havia germinado, porque JAVÉ Deus ainda não tinha feito chover sobre a terra, e também não havia homem para cultivar o solo. Todavia brotava água da terra e irrigava toda a superfície do solo. Então JAVÉ

Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente. Ora, JAVÉ tinha plantado* um jardim no Éden, para os lados do leste, e ali colocou o homem que formara. Então JAVÉ Deus fez nascer do solo todo tipo de árvores agradáveis aos olhos e boas para alimento. E no meio do jardim estavam a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal. . . . Ouvindo o homem e sua mulher os passos de JAVÉ Deus que andava pelo jardim quando soprava a brisa do dia, esconderam-se da presença de JAVÉ Deus entre as árvores do jardim”. – Gênesis 2:4-9; 3:8, Nova Versão Internacional.

* Sobre a tradução “tinha plantado” há uma consideração mais adiante.

Mediante o que é dito acima, podemos estabelecer alguns pontos importantes que são os primeiros passos para compreender o que está sendo realmente informado pelo narrador:

1) Os céus (onde ficam as estrelas) e a Terra já existiam, entretanto as plantas ainda não tinham germinado no solo terrestre. Ou seja, o planeta ainda era um ambiente inóspito para abrigar a vida humana.

(Discordo, creio que Deus criou a terra plena com condições de abrigar a vida. Devemos entender Gênesis 2.5 como um período antes da criação do homem e da vida vegetal na terra.)

2) Mesmo em tais condições, Deus surpreendentemente cria o homem dos elementos do solo estéril.

3) Mas Ele não deixa o homem no local onde foi criado. O leva para um jardim que já existia nos “lados

do leste”, antes mesmo da criação de Adão e do surgimento de vegetação no planeta, sendo que Deus tinha o hábito de caminhar em tal jardim.

(Gênesis 2.5 fala de um período antes da criação dos seis dias. Quando Deus fez o homem, as plantas já existiam e a terra já estava com uma cobertura de flora e fauna.)

4) Só depois da transferência de Adão para o Éden é que Deus faz o solo da Terra produzir plantas e árvores.

(Esta tal transferência não existiu para mim. Deus já fez o homem na terra e o Éden era uma parte da terra. Na minha concepção, onde hoje é o Mar Negro.)

5) Por fim, é informado que há no meio do jardim duas árvores especiais: uma da vida e outra do conhecimento do bem e do mal. Pela linguagem apresentada, nota-se que elas já existiam antes de Deus ordenar que as árvores surgissem na Terra.

Se a Terra não produzia frutos, pois nenhuma planta existia, o homem não poderia sobreviver nela. Por isso foi necessário ele ser levado para outro lugar, embora Deus tendo ordenado depois o surgimento do reino vegetal. Árvores não crescem do dia para a noite. Seria necessário esperar bastante tempo até que elas crescessem e passassem a produzir frutos em nosso planeta.

(O autor está contextualizando Gênesis 2.5 como sendo no período em que Adão já havia sido formado.

Mas a descrição de Gênesis 2.5 é anterior aos seis dias da criação. O Capítulo 2 de Gênesis é o desenvolvimento dos tópicos do capítulo um. Gênesis 1 e 2 não é cronológico. Gênesis 1 é a síntese da criação. Gênesis 2 e 3 é a descrição pormenorizada da criação do homem e da sua queda.)

Com tais informações devidamente identificadas, conclui-se, portanto, que a Terra e o Éden são dois lugares distintos, e que o Éden já existia antes da criação do homem. São duas realidades e não apenas uma. Logo, o Jardim do Éden não foi varrido pelas águas diluvianas. É por isso que vários textos da Bíblia se referem a ele como sendo um lugar que ainda existe! E isso tanto no período pré-diluviano quanto depois. Veja:

“Com isso, Caim foi embora de diante da face de Jeová e foi morar na terra da Fuga, ao leste do Éden”. – Gênesis 4:16.

(No meu entendimento, o Éden não era todo o planeta terra, mas ficava em um ponto geográfico da Terra, isto é onde hoje é o Mar Negro.)

“Ló levantou assim os seus olhos e viu todo o Distrito do Jordão, que todo ele era uma região bem regada, antes de Jeová arruinar Sodoma e Gomorra, semelhante ao jardim de Jeová, semelhante à terra do Egito, até Zoar”. – Gênesis 13:10.

“Hei de fazer as nações tremer diante do ruído da sua queda, quando eu o fizer descer ao Seol com os que descem ao poço, e na terra lá embaixo serão consoladas todas as árvores do Éden, as mais seletas e as melhores do Líbano, todas as que bebem água”. – Ezequiel 31:16.

“Adiante dele [do povo] um fogo devora e atrás dele uma chama consome. Adiante dele a terra está como o jardim do Éden; mas atrás dele é um ermo desolado, e também se mostrou que dela nada escapa”. – Joel 2:3.

“Porque JAVÉ consolará a Sião; consolará a todos os seus lugares assolados, e fará o seu deserto como o Éden, e a sua solidão como o jardim de JAVÉ; gozo e alegria se achará nela, ação de graças, e voz de melodia”. – Isaías 51:3, Almeida Fiel.

“E as pessoas não de dizer: ‘Aquela terra lá, que fora desolada, tem-se tornado como o jardim do Éden, e as cidades que estavam devastadas e que tinham sido desoladas e derrubadas estão fortificadas; foram habitadas’. – Ezequiel 36:35.

“Vieste a estar no Éden, jardim de Deus. Toda pedra preciosa era a tua cobertura: rubi, topázio e jaspe; crisólito, ônix e jade; safira, turquesa e esmeralda; e era de ouro o artesanato dos teus engastes e dos teus encaixes em ti. Foram aprontados no dia em que foste criado. Tu és o querubim ungido que cobre, e eu te constituí. Vieste a estar no monte santo de Deus. No meio de pedras afogueadas andavas. Eras sem defeito nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou injustiça em ti”. – Ezequiel 28:13-15.

As palavras do último texto acima foram direcionadas ao rei de Tiro, porém se referem profeticamente ao anjo que se tornou o Diabo. Daí ele ser chamado de “querubim”. Lembre-se que quando o homem foi expulso do paraíso, foram justamente os querubins que guardaram o caminho para a árvore da vida:

“Depois de expulsar o homem, colocou a leste do jardim do Éden querubins e uma espada flamejante que se movia, guardando o caminho para a árvore da vida”. – Gênesis 3:24.

Assim, o homem e a mulher não teriam como sair correndo em busca da árvore regenerativa para se curarem dos efeitos do pecado. Obviamente, tomando-se o relato ao pé da letra, depois que eles deixaram definitivamente o local, não houve mais necessidade daqueles guardas angélicos ficarem de prontidão. Isto porque o Éden fica num lugar muito mais distante do que supunha o senso comum.

E que lugar seria esse? A própria Bíblia possui a resposta. Na passagem supracitada de Ezequiel, nota-se que o texto equipara o “monte santo de Deus” (em referência ao céu) ao “Éden, jardim de Deus”, onde esteve o querubim rebelde que enganou o primeiro casal. O texto diz que esse anjo se vestia de ouro e pedras preciosas e andava no meio de pedras afogueadas. O que faz lembrar as descrições “geológicas” sobre o Éden, segundo as quais tal região estava repleta de ouro e pedras preciosas (Gênesis 2:10-12). Sendo assim, as duas descrições – “monte santo de Deus” e “Éden” – se referem ao mesmo lugar. E isto é confirmado no livro de Apocalipse, ao mencionar os vencedores da luta diária do cristão:

“Àquele que vencer concederei comer da árvore da vida, que está no paraíso de Deus”. – Apocalipse 2:7.

Note que o verbo é utilizado no presente e não no passado, o que denota uma realidade ainda existente. Sobre esse paraíso mencionado em Apocalipse, disse um livro da religião Testemunhas de Jeová:

“O que se diz aqui deve referir-se ao domínio celestial, semelhante a um jardim, herdado por esses vencedores”. – Clímax de Revelação (1989), p. 37, par. 14.

Nota-se, assim, que a árvore da vida continua onde sempre esteve, e as pessoas terão novamente acesso a ela para que possam viver eternamente. Recorde-se que a primeira providência que Deus tomou logo depois que o homem pecou foi deixá-lo longe da árvore da vida:

“Então disse JAVÉ Deus: ‘Agora o homem se tornou como um de nós, conhecendo o bem e o mal. Não se deve, pois, permitir que ele tome também do fruto da árvore da vida e o coma, e viva para sempre’.”. – Gênesis 3:22, Nova Versão Internacional.

Sim, o paraíso é um lugar que transcende a realidade humana e fica fora da Terra. Está em um local que a Bíblia chama simplesmente de “céu”, sendo ele um grande e agradável jardim. Esta era a crença dos antigos judeus e primeiros cristãos, conforme está comprovado nas diversas obras citadas na seção 4, mais à frente.

Então isso significa que o homem, mesmo tendo sido feito da matéria da Terra, teve seu corpo adaptado para viver onde os anjos estão e muito provavelmente receberia autorização para transitar livremente entre os dois mundos – o físico e o espiritual – e talvez replicar na Terra, tanto quanto possível, as condições sublimes do Jardim de Deus.

(Aqui passamos a questionar três locais de delícias eternas: o céu, o paraíso e o jardim do Éden, e ainda a questão do Éden ser dois tipos. Um Éden vegetal com toda sorte de árvores frutíferas e um outro Éden mineral com todo tipo de pedras preciosas. São dois Édens, ou um só?)

Portanto, este é o motivo porque ninguém até hoje foi capaz de dizer com segurança em que região do globo ficava o Éden. Os “lados do leste” (ou Oriente) mencionados em Gênesis 2:8 é uma referência simbólica a um dos domínios celestiais do Criador, onde o homem esteve no início. Sim, há mais de um lugar desse tipo, pois Jesus disse que na Casa do Pai há muitas moradas, e não apenas uma (João 14:2). Daí se entende porque Gênesis nos diz que Deus passeava diariamente pelo Jardim e o homem ouvia os seus passos. Lá é a morada de Deus e não do homem! E ela sempre estará bem protegida, sem jamais ser afetada por qualquer cataclismo que venha a atingir o nosso planeta.

(É preciso distinguir o céu do paraíso e do Éden. O céu é o lugar da morada de Deus, o paraíso é o local onde vão as almas dos salvos depois da morte e o Éden, é o jardim terrestre onde Adão e Eva foram criados e viveram até a expulsão. Nunca é dito que as almas dos salvos vão para o Jardim do Éden, depois da morte. Provavelmente o autor deste trabalho tem muita influência da teologia das Testemunhas de Jeová, percebo por citar obras da Torre de Vigia e por usar como Bíblia de referência a Tradução do Novo Mundo das Testemunhas de Jeová. Logo, as testemunhas de Jeová não crêem na sobrevivência da alma após a morte, o que já descarta a

hipótese do autor em crer no paraíso após a morte, ou também chamado de sheol superior.)

Detalhe semântico de Gênesis 2:8

De acordo com a tradução da Bíblia utilizada, pode não ficar tão explícito para o leitor que Deus já tinha feito o Jardim do Éden antes de criar o homem. Veja um exemplo abaixo:

“Então JAVÉ Deus formou o corpo humano do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego da vida, e ele tornou-se um ser vivo. Plantou também JAVÉ Deus um jardim, no Éden, para os lados do Oriente; e nesse jardim colocou o homem que havia criado”. – Gênesis 2:7, 8, A Nova Bíblia Viva.

A expressão ‘plantou também um jardim’ pode levar ao entendimento errôneo que o jardim foi erguido depois da criação do homem. Algumas versões chegam ao ponto de acrescentar a palavra “depois” no início do versículo 8, tal como essa edição abaixo transcrita:

“JAVÉ Deus formou o homem do pó da terra e insulflou-lhe pelas narinas o sopro da vida, e o homem transformou-se num ser vivo. Depois, JAVÉ Deus plantou um jardim no Éden, ao oriente, e nele colocou o homem que havia formado”. – Gênesis 2:7, 8, Missionários Capuchinhos.

Conforme visto anteriormente, ainda não existia vegetação na Terra quando o homem foi criado e ela só desabrochou depois que ele já estava instalado no Éden. Além disso, árvores demoram muito tempo para germinar e crescer. Logo, esse advérbio posto no início do versículo 8 causa uma contradição lógica nos eventos

descritos no capítulo 2 de Gênesis. De modo que a melhor estrutura semântica é a que está apresentada na versão abaixo:

“Ora, JAVÉ Deus tinha plantado um jardim no Éden, do lado do oriente, e colocou nele o homem que havia criado”. – Centro Bíblico Católico.

Tenha sempre em mente que o Jardim não é do homem, mas de Deus. Ele o fez para si mesmo e outros habitantes celestiais. Por isso tal lugar já existia desde o início. Sobre isso, observou um comentarista bíblico:

“Deve-se notar, contudo, que o jardim não foi intencionado como um paraíso para a raça humana, mas como um parque prazenteiro para Deus; o homem o desfrutava para Deus. A história não é sobre um ‘paraíso perdido’.” – Nota de rodapé de Gênesis 2:8 da The New American Bible (2010).

(No meu entendimento é mais plausível dizer que o Éden são duas unidades, uma celestial com pedras preciosas e outra vegetal com árvores. Uma espiritual e outra terrena. O Éden mineral era uma das habitações dos anjos e o Éden vegetal foi criado como um jardim para Deus passear na Terra e o homem foi criado para ser o jardineiro de Deus. O jardim do Éden foi criado na terra após a criação dos seis dias. Quando Adão foi criado, nos dias anteriores Deus já havia criado a flora e a fauna.)

Esta ideia fica ainda mais patente nas traduções a seguir:

“Javé Deus tinha plantado o jardim do paraíso no Éden de delícias desde o princípio, e colocou nele o homem que Ele tinha plasmado”. – Mensagem de Deus.

(Desde o principio da criação da Terra que Deus fez o Éden. Existe aqui uma outra hipótese que eu creio. A narrativa de Gênesis 1 nos fala da RECRIAÇÃO DO PLANETA. Creio que antes de Gênesis 1.3, o texto de Gênesis 1.2 fala da última devastação do planeta. Creio que a terra existe por milhares de anos e com a queda de Lúcifer como um raio no planeta terra, ele causou uma destruição planetária com a permissão de Deus.)

“Ora, JAVÉ Deus tinha plantado, desde o princípio, um paraíso de delícias, no qual pôs o homem que tinha formado”. – Matos Soares.

“Ora, JAVÉ Deus, tinha plantado ao princípio um paraíso, ou jardim delicioso, no qual pôs ao homem, que tinha formado”. – Figueiredo.

Essas três versões acima seguem uma variante menos usual da palavra hebraica דָּקַדְקָ (qe•dem), no caso מִתְּקֵדָמִי (mi•qad•mi), o “início” ou “princípio”, ao invés de מִתְּקֵדָמִי (mi•qe•dem), o “leste” ou “orientes”. Existe uma lógica que interliga as duas possibilidades de tradução: o fato de que o leste marca o início ou princípio do dia na corrente do tempo, pois é lá onde o sol nasce. A Vulgata Latina foi uma das precursoras em apresentar essa segunda alternativa de verter Gênesis 2:8, conforme se vê a seguir:

Plantaverat autem Dominus Deus paradisum voluptatis a principio in quo posuit hominem quem formaverat.

“JAVÉ Deus plantou um paraíso de deleites desde o princípio, no qual pôs o homem que tinha formado”. O comentarista John Gill mencionou esses pontos em seu *An Exposition of the Old and New Testament* (1746-63), ao explicar o sentido de Gênesis 2:8, conforme segue:

“Ou ‘tinha plantado’, porque isto não foi feito nesse momento, logo após a formação do homem, mas antes; e assim a palavra traduzida como ‘oriente’ pode ser vertida, como fazem alguns, por ‘antes’: pois o significado claro é que Deus tinha plantado um jardim antes de fazer o homem, [antes] mesmo do terceiro dia, quando todas as ervas, plantas e árvores foram produzidas amplamente na terra. Este jardim era um emblema [1] tanto da igreja de Cristo na terra, que é um jardim fechado, cercado com poder divino, e distinguido com a graça divina; uma pequeno ponto em comparação com o mundo; é da plantação de Jeová, e é sua propriedade; e é um Éden para o seu povo, onde eles usufruem muita satisfação e prazer espirituais: [2] quanto do lugar e estado da felicidade dos santos no outro mundo, muitas vezes chamado de paraíso em alusão a isso, (Lucas 23:43) (2 Coríntios 12: 4) (Apocalipse 2:7) e que é do plantio de Deus e, portanto, chamado de paraíso de Deus, e é um Éden, onde estão as delícias perpetuamente; e isto parece ser o entendimento dos judeus quando eles dizem que o jardim do Éden ou paraíso foi criado antes de o